



Informativo

Diocesano

Ano 45 - Número 468 - Agosto de 2020

diocesedeumuarama.org.br

A Revista Formativa e Informativa da Diocese Divino Espírito Santo - Umuarama - PR



Família
CASA DA PALAVRA



2020- ANO VOCACIONAL DIOCESANO

Oração vocacional (CNBB)

Senhor da messe e Pastor do rebanho, faz ressoar em nossos ouvidos teu forte e suave convite:

“Vem e segue-me!”. Derrama sobre nós o teu Espírito, que Ele nos dê sabedoria para ver o caminho e generosidade para seguir tua voz.

Senhor, que a messe não se perca por falta de operários. Desperta nossas comunidades para a missão. Ensina nossa vida a ser serviço. Fortalece os que querem dedicar-se ao Reino, na vida consagrada e religiosa.

Senhor, que o rebanho não pereça por falta de pastores. Sustenta a fidelidade de nossos bispos, padres e ministros. Dá perseverança a nossos seminaristas. Desperta o coração de nossos jovens para o ministério pastoral em tua Igreja. Senhor da messe e Pastor do rebanho, chama-nos para o serviço de teu povo. Maria, Mãe da Igreja, modelo dos servidores do Evangelho, ajuda-nos a responder SIM.

Amém.

FONTE:
Site: CNBB.org.br

Intenção Universal do Papa:

Rezemos por todas as pessoas que trabalham e vivem do mar, entre elas os marinheiros, os pescadores e suas famílias.

Intenção Diocesana:

Rezemos para que os jovens respondam com generosidade ao chamado da Igreja para o serviço do Evangelho.



Informativo

Diocesano

Ano 45 - Número 468 - Agosto de 2020



Endereço: Av. Pe. José Germano Júnior, 4260

Caixa Postal 191 – CEP 87502-970 – Umuarama - PR

Fone/Fax: (44) 3622-1301 E-mail: imprensa@diocesedeumuarama.org.br

www.diocesedeumuarama.org.br

Diretor-Geral

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo

Editores Responsáveis

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo
Amanda Azevedo Doenea

Coordenação do Jubileu

Pe. Carlos Gomes e
Equipe Diocesana
da Ação Evangelizadora

Conselho Editorial

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo
Pe. José Osmar Benetolli
Aparecida Basílio Marçal
Érica Bolonhezi
Ir. Maria Vieira Feitoza
Solange Valentim de Oliveira
Katya Suzuki

Revisão

Amanda Azevedo Doenea

CAPA

Família
Casa da Palavra

Diagramação

Luiz Antoniassi

Impressão

Gráfica Umuarama
Fone: (44) 3055-4338

Tiragem

20.253 exemplares



Família

O documento final do Encontro Mundial de Famílias com o Papa, ocorrido há alguns anos em Barcelona, Espanha, afirmava logo no começo: "A Família está em crise". Depois, elencava extensa lista de circunstâncias que levavam a família a tal crise. Cada uma delas vinha antecedida pela interrogação: Está em crise, por quê? E seguia a listagem e os comentários: Por causa dos meios de comunicação, que acabam invadindo todos os espaços e zerando praticamente a privacidade? Sim, isso influencia. Mas não é por isso que a família está em crise. É por que, então? Por causa da urbanização? Em menos de um século, 80% da população que vivia no mundo rural e hoje vive nas cidades? Isso marca muito a família. Mas não é por isso a crise. Por causa do sistema de produção, que passou, majoritariamente, de agrícola a industrial? Sim, essa mudança pesa muito. Mas a crise também não vem daí. Finalmente chega a afirmação: A família está em crise por causa do consumismo.

Porém, por consumismo não se entende o puro fato de comprarmos mais do que precisamos para viver bem. Consumismo é uma filosofia, uma interpretação do ser humano que somos. É o entendimento que pensa que já sou finalizado. Já senti e experimentei tudo o que é possível sentir e experimentar na face da terra. Nada de novo pode me advir. Nenhuma novidade ou surpresa me aguarda na vida. Aí, se sou casado, meu cônjuge também é assim: finalizado e consumado. O único diferencial possível para nós é: trocar de roupa, de carro, de casa, pintar de outra cor... e, por que não? Trocar de cônjuge...!? Se fosse possível, trocava os filhos também!?! Ora veja, eu finalizado, sem novidades possíveis à frente; o outro, idem. E ficarmos aporrinhando e chateando um ao outro com agendas repetidas e intragáveis!?! Que insensatez!?! Que desumanidade!?! Vamos, antes, cada um para um lado, tocar a vida! Pronto, está armado o circo da crise familiar.

Perdeu-se de vista, ficou na sombra a possibilidade cristã da vida. Não se tem no radar das compreensões o

entendimento que, esforçando-se para ter paciência e suportar o outro, já ou daqui a pouco, vai ter surpresas sim, vai ser envolvido sim por outra experiência, outro momento do matrimônio. Vai ter novo encontro. Vai refundar, jogar mais fundo as âncoras do próprio matrimônio. Quando o rito celebrativo faz o casal dizer "...na alegria e na tristeza, na saúde e na doença..." a Igreja sabe que eles não sabem o conteúdo do que estão dizendo. Mas sabe também que nunca serão finalizados, nunca esgotarão as novidades que a vida encerra e propicia. A vida cristã conta com a Graça, que nunca se esgota.

Família é um fenômeno universal no tempo e no espaço. Desde que o mundo é mundo e, por toda a extensão do globo, a humanidade sempre apareceu em forma de família.

Assim sendo, o arranjo família deve corresponder a uma intuição muito preciosa, muito amável, essencial mesmo ao ser humano que somos.

Não só pela necessidade dos cuidados da "maternagem" como dizem psicólogos e outros (fralda + mamadeira na hora certa!!!), dos quais todo mundo depende. Há de ser por muito mais.

Jesus, na Última Ceia, rezou: "Que eles sejam um, ó Pai, como nós somos um". Para Jesus ter pedido isso em hora tão solene, há de ser porque este apelo já lateja em nós.

Não gostamos da solidão. Mas também não nos satisfaz qualquer proximidade, justaposição ou arranjo de convívio com os outros. Cada um quer sentir-se a si mesmo e, ao mesmo tempo, sentir-se um com todos.

No poema as palavras como que renunciam a si mesmas para deixar ser nelas a emoção e o encanto da poesia. Na música, as notas renunciam-se a si para deixar ser nelas a melodia, o fascínio e a beleza da música.

Família não seria algo assim? Pai, mãe e filhos como notas de uma melodia, palavras de um poema, movimentos coreográficos de um bailado? Ninguém, isoladamente, é família. Que a melodia família ressoe no lar, depende de cada um renunciar a si mesmo para deixar ser a melodia chamada família. Que a emoção e o encanto da poesia chamada família ressoe no lar, depende da renúncia de cada um a si mesmo para deixar ser a emoção e o encanto da poesia chamada família. Deus nos acompanhe!

**Dom Frei João
Mamede Filho, OFMConv**

Bispo Diocesano de Umuarama - PR



- 3 PALAVRA DO PASTOR**
FAMÍLIA
- 4 EDITORIAL**
- 5 AÇÃO EVANGELIZADORA**
QUANDO RETORNAR A “NORMALIDADE”
- 6 VIVÊNCIA CATEQUÉTICA**
AJUSTES CRIATIVOS E CRIADORES NA CATEQUESE EM TEMPO DE PANDEMIA
- 7 IGREJA-IRMÃ**
NUVENS ESCURAS

8 JUBILEU EM AÇÃO

QUAL É A SUA MISSÃO?

- 10 NOSSA PARÓQUIA**
PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO - IPORÃ | PR
- 11 ENCONTROS**
RITUAL DE INICIAÇÃO DE ADULTOS
- 19 ESPIRITUALIDADE**
VOCAÇÃO QUE NASCE DA FAMÍLIA
- 20 FORMAÇÃO LITÚRGICA**
MÊS VOCACIONAL, TEMPO ESPECIAL DE REFLEXÃO E ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS
- 21 VOCAÇÃO**
TEMPO DE REAVIVAR A CHAMA DO DOM DE DEUS
- 22 ESCOLA DE TEOLOGIA**
FINITUDE DA VIDA HUMANA
- 23 ASSUNTO DE FAMÍLIA**
CONSTRUÇÃO FAMILIAR - AS LENTES QUE RECEBEMOS PARA VER A VIDA
- 24 ECOLOGIA INTEGRAL**
LAUDATO SI' - ENCÍCLICA COMPLETA CINCO ANOS E MOTIVA INICIATIVAS
- 25 VARIEDADES**
PASCOM x VOCAÇÕES
- 26 ACONTECEU NA DIOCESE**
RÁDIO INCONFIDÊNCIA NA CAMPANHA “JUNTOS NA MESMA FREQUÊNCIA”
COLETIVA DE IMPRENSA MARCA 54º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS
- 27 COISA DE CRIANÇA**
MINICATEQUESE - AGOSTO MÊS DAS VOCAÇÕES



BOLO NEGA MALUCA

Quem conta a história do delicioso bolo é a nutricionista e cozinheira Tatiana Maragon, do blog Antes da Garfada (antesdagarfada).



Ela diz sobre o porquê desse nome do bolo: “Vou contar para vocês. Na década dos anos 40, uma escrava africana foi vendida para uma família de São Paulo, todos a chamavam de 'Nega Maluca', porque não entendiam nada do que ela falava. A história diz que um dia ela estava batendo um bolo, e sem querer acabou derrubando todo o chocolate em pó de sua patroa dentro da massa, ainda assim, toda assustada ela continuou batendo o bolo, levou ao forno e criou esta deliciosa receita, que acabou ficando conhecida como 'Bolo da Nega Maluca'. Mais tarde, o nome acabou sendo abreviado para Nega Maluca”.

Está aí o que ela chama de história desse bolo. Atualmente, o debate está grande sobre o racismo que imperou e ainda existe em nossa sociedade, no meio de nossas famílias e até no meio da Igreja. Precisamos cuidar para que ele seja completamente tirado do meio de nós. Não se pode avaliar uma pessoa com esse tipo de comportamento em pleno século XXI.

Mas o que a história desse bolo tem a ver com as famílias e os temas dos nossos encontros da Revista Informativo Diocesano deste mês?

Primeiro que o nosso processo de iniciação à vida cristã, a que todos precisam passar, fala de família, este mês. Por isso, é importante que consigamos passar muitos bons valores cristãos. Ser uma família cristã também passa pela superação do racismo. E se somos todos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós, não tem sentido o racismo no meio de nossas comunidades, na nossa Igreja, sinal do Reino definitivo.

Então, por favor, que a Revista deste mês te ajude, meu irmão e minha irmã, a não julgar as pessoas, mas a tê-las todas como a nossa grande e amada família de Deus, irmãos que se amam e ajudam-se.

Boa leitura!

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo

Diretor-Geral - Informativo Diocesano

Diretor-Geral - Rádio Inconfidência FM

Umuarama - PR

✉ diretor@radioinconfidenciaam.com.br

Quando retomar a “normalidade”

“Se você puder tornar-se livre, é melhor aproveitar a oportunidade” (1Cor 7,21b).

Em um tempo de intensa mudança, forçadamente pela crise em que vivemos, não podemos simplesmente esperar que as coisas voltem à normalidade e retornar ao que era. É preciso muito mais. Chegou o momento de refletir como membro da família humana, habitantes da casa comum, que não dá para continuar como antes da pandemia. Precisamos mudar. Ousar fazer o bem e trabalhar ativamente em prol do bem comum para fazer melhor que antes. É tempo de remover desigualdades, sanar injustiças e, com pequenos gestos diários, enfrentar a crise. Levantar o olhar e promover a vida solidária para não ser atingido por um vírus ainda pior: o da indiferença egoísta.

Olhar para os mais pobres com afeto e compaixão, escutá-los, estender as mãos e ajudar a tomar consciência da real condição; fazer nosso o sofrimento e o sacrifício de tanta gente favorece a busca de vida digna. Seremos mais humanos no trato para com os outros e cada um assumir a sua responsabilidade contribui para que todos possam viver bem. Que ninguém

deixe de fazer o que sente que pode e deve fazer. Estejamos mais dispostos a mudar os estilos de vida que jogam muitos na pobreza. Procuremos levar uma vida mais simples, sem ganância, que permita uma distribuição maior dos bens da criação.

Na Evangelização, mostremos coragem na inovação, experimentando novos meios de superação, seguindo por novos caminhos. “Espero que esse momento de perigo nos tire do piloto automático, que sacuda nossas consciências adormecidas e permita uma conversão humanística e ecológica, que termine com a idolatria do dinheiro e coloque a dignidade e a vida no centro”, disse Papa Francisco.

Cada um de nós pode dar a sua pequena contribuição, no esforço de mudar e fazer frutificar e difundir o bem viver. Não basta perguntar: “Como você está?”, “Você está bem?”. É preciso fazer sentir a proximidade: “Posso ajudar?”, “Conte comigo...”. Só essa proximidade de escuta, que leva a sentir a necessidade do outro, tem o poder de derrubar muros e criar

pontes para superarmos a crise que se instalou. Generosidade atrai generosidade. Pensar nas pessoas que estão ao nosso lado. Pensar saídas para as necessidades das pessoas sofridas. Pensar nos outros nos faz bem, nos tira do egoísmo.

Que não percamos a memória depois que isso tudo passar, que não voltemos onde estávamos. Aproveitemos a oportunidade. Este é o momento de dar o passo, ainda que em meio a tanto sofrimento e medo, temos de semear a esperança. Um mundo melhor pode nascer desta crise.

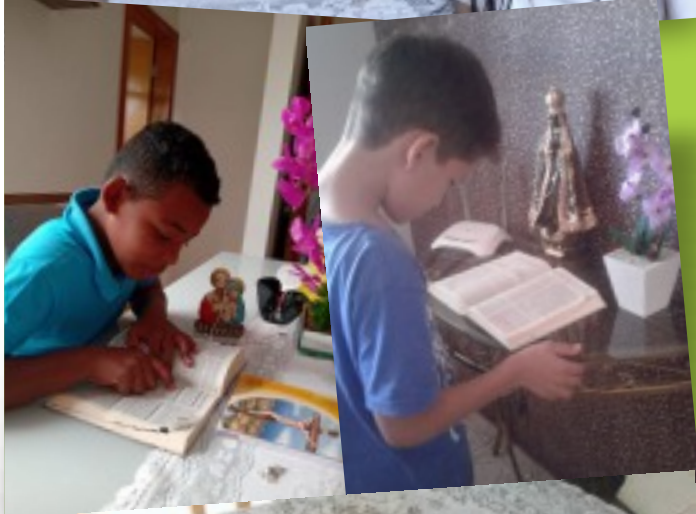
Que o bom Deus abençoe as pessoas comprometidas, que oferecem um testemunho de solicitude e amor ao próximo.

Pe. José Osmar Benetolli

Coordenador Diocesano
da Ação Evangelizadora
Cidade Gaúcha - PR
✉ benetolli@hotmail.com



Ajustes criativos e criadores na catequese em tempo de pandemia



***"Anunciar Cristo significa mostrar que crer n'Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provas"* (Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 167)**

Estamos bem satisfeitos com a cooperação dos pais e dos catequizandos de nossa paróquia. Logo que foram suspensos os encontros presenciais, o Padre Leandro e a coordenação disponibilizaram atividades aos catequistas, por meio do WhatsApp, lançando o desafio Catequese em Casa, para que as mesmas fossem repassadas em seus grupos de catequese.

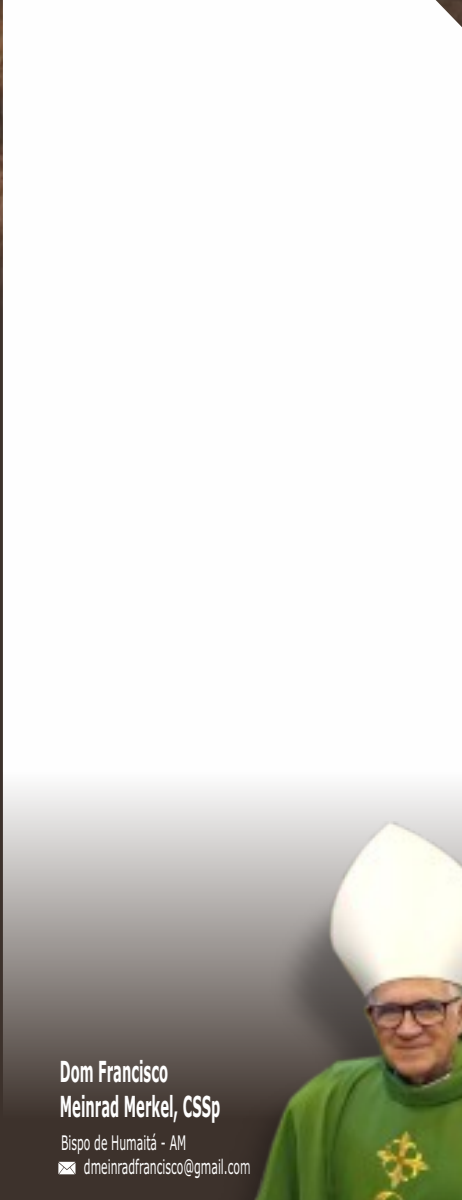
Após as orientações da Coordenadora Diocesana, Irmã Maria Vieira Feitoza, a coordenação convocou uma reunião on-line com as catequistas, onde discutimos maneiras para probilizarmos um ambiente em que ficássemos mais perto das famílias. O resultado foi muito satisfatório! Hoje, os encontros de catequese acontecem por vários meios de plataformas digitais: WhatsApp, fotos, atividades impressas que podem ser retiradas na secretaria da igreja, etc. E para assegurar a comunhão e a conexão, as famílias nos enviam fotos ou entregam no escritório paroquial as atividades realizadas.

Uma iniciativa dos próprios catequistas foi de se ajudarem, estão elaborando atividades e postando no nosso grupo para servir de modelo para outros catequistas. O maior aprendizado não está sendo somente com as famílias, que estamos com um maior laço de amizade, mas também a união entre nós catequistas, relatando o que está dando certo neste momento de desafios.

Todo segundo domingo do mês acontece nossa missa com a catequese, nestes tempos que não temos a presença física de nossos catequizandos, fazemos o possível para que eles se sintam envolvidos na celebração, com catequistas na liturgia e o teatro com fantoches. É um período de compaixão e empatia, de união entre as famílias e a pastoral catequética.

Elisângela Joaquim

Coordenadora paroquial e catequista da 6ª etapa.
Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Umuarama-PR.



**Dom Francisco
Meinrad Merkel, CSSp**
Bispo de Humaitá - AM
✉ dmeinradfrancisco@gmail.com



Qual é a sua
MISSÃO?

O

tempo é implacável, chegamos ao mês de agosto, em que a Igreja evidencia as vocações do homem e da mulher, colocando para o mundo que nossa existência vai além da nossa rotina diária. Você é muito mais do que sua profissão ou sua função na sociedade, e não é o que você faz que lhe dá valor, mas sim quem você é! Alguém que Deus chamou à existência com um fim específico e que seu coração deseja descobrir qual é a sua missão.

Lembro bem das tardes chuvosas na minha infância, dia de chuva era sinônimo de “bolinho de chuva” e filme na “sessão da tarde”, que delícia, ser cuidado e ter um tempo só para a gente, em que nem me passava pela mente o que seria quando crescesse, qual seria meu papel na sociedade, se teria uma esposa ou filhos, ou o que eu deveria ser no meio deste imenso mundo.

Você se identificou com estes questionamentos? Ou nasceu sabendo o que seria no mundo? É claro que temos nossas lembranças, e provavelmente as suas sejam diferentes, quem sabe tardes chuvosas eram sinônimo de pipoca, talvez de pão com manteiga ou de trabalho doméstico. Enfim, o que temos em comum é que ficávamos em família quando éramos impedidos de sair de casa!

Neste ano de 2020 uma tempestade chamada COVID-19 ou CORONAVÍRUS assolou o mundo e colocou todos em uma situação de isolamento social! Será? Isolamento nos arremete a ficar “só”, sem contato com a sociedade, e o quadro que percebemos é que muitas pessoas que antes se sentiam solitárias redescobriram a presença em meio a sua família!

São João Paulo II em sua exortação apostólica, Familiaris Consortio, diz que na família constitui-se um complexo de relações interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade - mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na «família humana» e na «família de Deus», que é a Igreja. É nela que aprendemos a ser gente, como pai, mãe, filho, irmão, sobrinho, neto, tio, mas principalmente Igreja, isso mesmo, ser Igreja se aprende em casa e não somente no Templo Edificado em nossa paróquia!

A vocação da família é fazer com que a Igreja encontre, assim, na família, nascida do sacramento, o seu berço e o lugar onde pode atuar a própria inserção nas gerações humanas, e esta, reciprocamente, na Igreja, diz São João Paulo II.

Seremos Igreja somente se aprendermos a ser Família! A pandemia veio nos ensinar esta

grande lição, tirando-nos do ativismo pastoral fora de nosso lar e nos lançando diretamente no colo familiar, para ali descobriremos e vivermos as verdades evangélicas, sendo a maior delas o Amor.

Partindo do amor e em permanente referência a ele, podemos evidenciar quatro deveres gerais da família: 1) a formação de uma comunidade de pessoas; 2) o serviço à vida; 3) a participação no desenvolvimento da sociedade; 4) a participação na vida e na missão da Igreja.

A cura para os males do mundo está na família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: dos esposos, homem e mulher, dos pais e dos filhos, dos parentes; e a sua primeira tarefa é a de viver fielmente a realidade da comunhão em um constante empenho por fazer crescer uma autêntica comunidade de pessoas, rezando e trabalhando para o bem comum.

Vivemos um tempo propício para a família cristã santificar-se e santificar a comunidade cristã e o mundo, por meio do diálogo, da partilha de tarefas e bens, da solidariedade para com os necessitados, do perdão e aproximação daqueles que se fecham em sua solidão.

A Comissão Nacional da Pastoral Familiar (CNPf) propõe para este ano uma Edição Especial da Semana Nacional da Família 2020, com o tema “Eu e minha casa serviremos ao Senhor” (Josué 24, 15), que acontecerá de 09 a 15 de agosto.

Somos chamados a viver plenamente a vontade de Deus em nossas vidas, em nossas famílias, em nossas casas, por meio da dimensão do serviço.

Fazer “bolinho de chuva” é uma forma de servir, que façamos “bolinhos de perdão, de carinho, de compreensão, de acolhimento, de paciência, de ajuda e principalmente de amor” nestes dias de recolhimento familiar, e não de isolamento social!

O Recolhimento Familiar gera ternura, frente a um mundo corrompido pelos interesses políticos-ideológicos polarizados! Deixemos os termos de “direita, centro ou esquerda”, e passemos a ser Família Cristã que luta pela vida!

“Eu e minha casa serviremos ao Senhor”
(Josué 24, 15).

Paz e bem!

Paulo Angelo Lourenço dos Santos

Coordenador do Centro de Estudos Teológicos São Paulo VI
Cianorte - PR
✉ epauloangelo@hotmail.com



PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO

Iporã-PR

Na década de 50 iniciava-se a construção de um povoado no meio da floresta pela colonizadora SINOP Terras S/A, pelos colonizadores Ênio Pepino e Nilza Pepino, as primeiras famílias foram chegando e uma pequena comunidade de famílias católicas se formava.

A primeira serraria se instalava com o nome de Santa Margarida, e as famílias Bosso e Vieira Marques construíram uma pequena capela ao lado da serraria, onde os Freis Capuchinhos começaram a atender a comunidade com missas, duas a três vezes no ano, isso ocorreu em 1952 e 1953. De 1954 a 1956 a pequena comunidade passou a ser atendida pelos Padres Palotinos da Província Nossa Senhora Conquistadora, de Santa Maria-RS, eles já trabalhavam na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, na cidade de Guaíra-PR. Como o grupo crescia, nesse mesmo ano se construiu uma capela maior, onde hoje é o santuário, os fiéis e os colonizadores, em comunhão com os padres, dedicaram Santo Antônio de Pádua como padroeiro da comunidade.

Nos anos de 1957 a 1958 os Padres Capuchinhos da cidade de

Cruzeiro do Oeste começam a atender a comunidade. Em 1959 volta o atendimento pelos Padres Palotinos, de Santa Maria-RS, e no final de 1958 o Pe. José Stefanello fixa residência em Iporã e dá início à organização da comunidade, com a construção da nova igreja. Em 1959 acontece pela primeira vez as Santas Missões Populares, com os padres Palotinos, de Santa Maria-RS, e a presença de Dom Inácio Krauser, da Prelazia de Foz do Iguaçu. No final desse ano, a igreja em madeira com duas belíssimas torres já estava construída, e também a Escola Nossa Senhora Aparecida, das Irmãs do Imaculado Coração de Maria-ICM, que já fixava residência na comunidade para o trabalho de evangelização e educação.

No dia 16 de janeiro de 1961, foi instalada a Paróquia Santo Antônio, de Iporã, por Dom Elizeu Simões Mendes, Bispo da Diocese de Campo Mourão, à qual a nova paróquia passa a pertencer. Teve como primeiro pároco o Pe. José Stefanello – SAC. Em 1967, constrói-se um pequeno prédio com dois pisos e um salão aos fundos, chamado de sede social da matriz, na parte superior os padres fixam residência e na inferior foi instalado o escritório paroquial.

Em 1973, com a criação da Diocese de Umuarama passou a pertencer a essa diocese. Nesse mesmo ano, um forte vendaval destruiu parte da igreja de madeira e suas belíssimas torres, as celebrações da Santa Missa e os sacramentos passaram a ser celebrados na sede social da matriz. Começa a construção da nova igreja em

alvenaria, que fica pronta em 1979.

No ano de 2000 recebeu o título de Santuário Diocesano Santo Antônio, e neste mesmo ano foi inaugurada a Casa de Formação Pe. Danilo Rossato. A Paróquia teve, de 1954 a 1956 e de 1959 a 2017, a Evangelização e Administração dos Padres Palotinos.

Hoje, a paróquia tem à sua frente padres diocesanos: Pe. Jailson João da Silva, pároco, e Pe. José Fernandes Lucena, vigário paroquial, e os diáconos permanentes Celeste Arildo Todão e Sérgio Valentin Vacári. A comunidade do Santuário Diocesano é composta por 10 CEBs, 09 Comunidades do Caminho Neocatecumenal e 16 Capelas Rurais. Todo dia 13 de cada mês ocorre, em todas as comunidades da Paróquia, a celebração votiva a Santo Antônio.



Diácono Sérgio Valentin Vacári
Santuário Diocesano Santo Antônio, Iporã-PR.

Ritos para o início e o final dos Encontros

AMBIENTAÇÃO

Preparar uma música de fundo, uma pequena mesa com flores, pano vermelho, uma vela grande ou, se possível, um pequeno Círio Pascal, Bíblia aberta, a cruz e um cartaz com a frase: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,13). E acolher a cada um em um clima de amizade, de muita alegria. E, com poucas palavras, fazer memória sobre o tema anterior.

RITO INICIAL

Oração inicial

Todos: Ó Cristo ressuscitado, no caminho de Emaús foste companheiro dos discípulos. Fica ao nosso lado na jornada da fé e nos caminhos da vida. Promove em nós a compaixão, para que possamos acolher as pessoas e ouvir suas histórias. Renova o desejo de proclamar tua Palavra. Que ela nos ilumine e que tenhamos corações ardentes ao dar testemunho dela. Que o teu Santo Espírito abra nossos olhos para te reconhecer. Que a tua ressurreição renove a nossa vida até o dia em que nos encontraremos todos juntos na Casa do Pai. Amém!

Canto: Enquanto canta, acender a vela ou o Círio. Escolher o canto de acordo com o tema (Livro "Cantos para as Comunidades", podendo ser o mantra, n.º 699). Enquanto canta, pedir aos catecúmenos para ir passando a vela acesa um para o outro.

Invocar as luzes do Divino Espírito Santo com a Oração de Invocação para que ilumine o encontro. E após, de modo breve, fazer memória sobre o encontro anterior.

ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Anim.: Proclamar a leitura do Encontro seguindo o método da Leitura Orante da Bíblia:

- De que fala o texto que acabamos de ouvir?
- O que o texto diz para mim, para nós?
- O que o texto me faz dizer a Deus?

APRODUNDANDO O TEMA:

Ver encontro da semana no Informativo Diocesano.

RITO FINAL

Anim.: Rezemos juntos esta oração:

Todos: Senhor Jesus, tu recebeste do Pai o Espírito da vida nova, para que de ti, entregue à morte por nosso amor, recebêssemos também nós a força do Consolador. O encontro contigo, ressuscitado dos mortos, mudou o coração e a vida das primeiras testemunhas da nossa fé. Ajuda-nos, Senhor, a encontrar-te, para que, assim, deixemo-nos transformar pelo anúncio da tua ressurreição e possamos participar da tua alegria na vida eterna. Vem, Senhor Jesus. Amém!

ORAÇÃO E BÊNÇÃO FINAL

Rezar ou cantar juntos a Oração do Credo (Livro: "Cantos para as Comunidades", n.º 69, p. 16). O catequista estende as mãos sobre todos, enquanto faz a oração de bênção.

Oremos: "Infundi Senhor, como Vos pedimos, a Vossa graça nas nossas almas, para que nós, que pela Anunciação do Anjo conhecemos a Encarnação de Cristo, Vosso Filho, pela sua Paixão e Morte na Cruz, sejamos conduzidos à glória da ressurreição. Por nosso Senhor, Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo".

Todos: Amém.

Anim.: Que o Senhor seja a vossa força e a vossa luz. Ide em paz e que Ele sempre vos acompanhe.

Todos: Graças a Deus! Amém.

Anim.: Louvado seja nosso Senhor, Jesus Cristo...

Anim.: Para sempre seja louvado!

Anim.: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém!

Canto: Escolher de acordo com o tema (Livro "Cantos para as Comunidades").



16º Encontro

(03-09/08)

Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo

1) OBJETIVO

Aprofundar o Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus como expressão do seu amor por nós.

2) AMBIENTAÇÃO E RITO INICIAL (p. 57)

3) ILUMINAÇÃO BÍBLICA Jo 16,25-33;17,1-3.

4) APROFUNDAMENTO DO TEMA

As Sagradas Escrituras nos ensinam que, no tempo estabelecido por Deus, o Filho Unigênito do Pai, o Verbo Divino, se encarnou. Sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana. Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, e sua encarnação é, portanto, o mistério da união admirável da natureza divina e da natureza humana, na única pessoa do verbo. Assim, toda a vida de Cristo é revelação do Pai, é mistério de redenção. Tudo o que Jesus fez, disse e sofreu tinha como objetivo restabelecer

o homem decaído na sua vocação originária de viver em harmonia com o Criador e todas as criaturas. É o projeto amoroso do Reino de Deus. Jesus partilhou a vida aos pobres, desde o presépio até a cruz: soube o que é sofrer a fome, a sede, a indigência e a injustiça. Assumindo em seu nascimento a nossa humanidade, experimentou todas as dores e angústias dos homens e viveu plenamente a vida humana, menos no pecado. Fez do amor preferencial e ativo a condição de se entrar no seu Reino dos Céus (CalC, 279).

Em sua vida pública Jesus acolheu, curou e reintegrou ao convívio os que eram escravizados e discriminados pela lei: pessoas que não haviam reconhecido sua dignidade ou cidadania. Jesus colocou-se do lado daqueles que eram excluídos do sistema político, econômico e religioso, ou seja, pobres, prostitutas, publicanos, leprosos, doentes, crianças, viúvas, órfãos, samaritanos, possesores, estrangeiros, mendigos, pescadores, mulheres, cobradores de impostos e tantos outros marginaliza-

dos. A todos acolhe, propõe o Reino de Deus, a conversão do coração e a mudança de vida. Questionava veementemente e repreendia toda ganância, hipocrisia, exploração, falsidade, dominação e o acúmulo de riqueza injusta. Denunciava o uso do nome de Deus pelas autoridades religiosas para excluir, explorar e escravizar o povo.

O Filho de Deus foi esperado pelo povo judeu como Messias, um rei guerreiro e poderoso, que se encaixasse em suas expectativas. Mas veio como um Messias Servo. Ele ensinou aos discípulos que, no Reino de Deus, toda vida tem de ser colocada a serviço, especialmente dos pobres, dos que mais sofrem. Jesus, porém, foi fiel ao Pai, figura do Rei substituída pela do Servo que entrou em Jerusalém montado em um jumentinho.

Jesus sabia que sua opção pelos pequenos iria incomodar os grandes e que eles iriam querer matá-lo. Suas ideias entraram em choque com os que preferiam o privilégio e a dominação. Por isso sofreu, sendo maltratado, condenado e morto. Aquela mundo,

mergulhado no pecado, não podia suportar Jesus: o mundo do fanatismo religioso (Mc 2,27), da sede do poder (Jo 11,47-48), da ambição (Mt 23,6-7), da violência (Mc 15,7), da hipocrisia (Lc 11,46), e de tantos outros graves pecados religiosos, morais e sociais. Firme em seus propósitos, entrou em Jerusalém pronto para o que iria acontecer. Já tinha anunciado mais de uma vez aos discípulos sua paixão e ressurreição [...] *“não convém que um profeta morra fora de Jerusalém”* (Lc 13,33; CalC, 557).

Os grandes sentiam sua autoridade ameaçada por Jesus. Então, em nome da tradição dos antigos, das normas das leis, em um julgamento injusto e desumano, prenderam, condenaram e mataram Jesus em uma cruz. Acusação: ser ele o Rei dos Judeus, contra o imperador romano. A morte de Jesus foi um assassinato religioso-político, abuso da justiça. Foi condenado como um subversivo, aquele que só amou e ensinou a amar. Sua Paixão tornou-se sacrifício que o Filho de Deus feito homem ofereceu, *“uma vez por todas”* (Hb 7,27), pela salvação da humanidade. E Jesus preferiu morrer livremente a renunciar sua missão de salvação. Ele era, afinal, o enviado do Pai Misericordioso, mas o mundo não O reconheceu assim.

A cruz tem para o mundo, hoje, o sentido do mistério e da dignidade de um amor que foi levado às últimas consequências, ou seja, a entrega e o sacrifício de Cristo. Porém, na época em que Jesus foi morto, significava a condenação mais violenta e injuriosa, destinada aos piores malfeitores. Deus, em seu imenso amor paternal, escuta e exalta seu Filho: a ressurreição é a resposta de amor do Pai à fidelidade de

Jesus. Eis a grandeza do Mistério Pascal.

Deus não planejou nem desejou a cruz. Ele não ama o sofrimento. Existe cruz porque existe pecado. Mas, sobretudo, existe cruz porque existe amor. Ela é fruto do amor de Deus diante do pecado dos homens, e tornou-se prova da misericórdia de nosso Deus, do seu amor à justiça, da remissão dos pecados, sinal de salvação, do sacrifício pleno e definitivo, da libertação total do homem, vitória da vida sobre a morte; pois, após a cruz, veio a ressurreição. A Paixão de Jesus existe em função da sua ressurreição.

A morte de Jesus não teria valor se não precedesse à ressurreição. *“E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem”* (I Cor 15,14.17-19.20a.21).

A Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Cristo, constituem o Mistério Pascal. “O Mistério Pascal da Cruz e Ressurreição de Cristo está no centro da Boa-Nova que os Apóstolos, e depois deles a Igreja, devem anunciar ao mundo. O desígnio salvífico de Deus cumpriu-se *‘uma vez por todas’* (Hb 9,26), pela morte redentora de seu Filho Jesus Cristo” (CalC,571). O acontecimento celebrado na Páscoa Judaica, isto é, a libertação do povo israelita da escravidão do Egito, é a antecipação da completa libertação conquistada por Cristo para a raça humana. Assim, o Mistério Pascal é o Mistério central da fé cristã, celebrado no Tríduo da Páscoa com uma solenidade única e sublime. Foi deste Mistério que nasceu a Igreja e, com ela, a vida sacramental. E “Jesus Cristo, cabeça da Igreja, precede-nos no

Reino glorioso do Pai, para que nós, membros do seu povo, vivamos na esperança de estarmos um dia eternamente com Ele. E tendo entrado, uma vez por todas, no santuário dos céus, intercede incessantemente à efusão do Espírito Santo” (CalC, 666 e 667).

Ressuscitado, Cristo ordenou aos seus discípulos e a nós, seus discípulos hoje: *“Toda autoridade me foi dada no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que Eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo”* (Mt 28,18-20).

5) PARTILHA FRATERNA

- Deus quis a morte do Seu próprio Filho?
- Pode alguém ser cristão sem crer na ressurreição?
- Como podemos, também nós, assumir o sofrimento da nossa vida, tomando “a cruz sobre nós” e seguindo Jesus?

6) RITO FINAL (p. 57)



17º Encontro (17-23/08) Espírito Santo ("Creio no Espírito Santo")

1) OBJETIVO

Aprofundar sobre o que significa "crer no Espírito Santo", Ele que é dom da Páscoa de Jesus e continuador da obra da salvação.

AMBIENTAÇÃO E RITO INICIAL (p. 57)

2) ILUMINAÇÃO BÍBLICA At 2,1-13.

3) APROFUNDANDO O TEMA

Sabemos que a Fé Cristã que professamos é a fé trinitária: Deus Pai Criador, Deus Filho Redentor e Deus Espírito Santo Santificador. Nesta catequese de hoje, iremos conhecer um pouco mais sobre a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Muito mais que um conhecimento com a nossa razão, o que queremos neste encontro é deixar que o Espírito Santo ilumine o nosso coração, a nossa mente e todo o nosso ser. Pois é Ele quem nos fortalece para bem vivermos o nosso projeto de vida.

Foi o Espírito Santo quem te despertou e conduziu até aqui. Talvez o bom testemunho de alguém ou alguma necessidade pessoal tua, pode até ter contribuído, mas sem a ação do Espírito Santo, que te anima e te dá força, você não teria chegado até aqui.

É Jesus quem nos revela e que enviará o Espírito Santo Paráclito, isto é, o Defensor. O Espírito que está junto a Ele e do Pai para fortalecer e consolar a todos (Jo 16,13). O Espírito Santo, em ação desde a criação e presente em todo o decorrer da história, nos santos e profetas, e depois presente, também, nos discípulos a fim de ensiná-los e conduzi-los à verdade. É este Espírito que está desde o início dos tempos junto do Pai e do Filho e que continuará presente na Igreja nascente, até nos dias de hoje e sempre.

Para compreendermos o Espírito Santo é necessário que nos aproximemos e cultivemos um relacionamento de intimidade com Deus Pai Criador e o Deus Filho Redentor. Pois só poderemos falar do Espírito Santo

enquanto relação de amor entre as Pessoas Divinas. O Catecismo da Igreja Católica nos diz: "É por isso que os apóstolos confessam Jesus como 'o Verbo', que 'no início estava junto de Deus' e que 'é Deus' (Jo 1,1); 'como a imagem do Deus invisível' (Cl 1,15), como 'o resplendor de sua glória e a expressão do seu ser' (Hb 1,3)" (CaIC, 241).

É importante destacarmos que é a partir do ano 381 d.C., com o Concílio Ecumênico de Constantinopla, que a Igreja professa a Fé no Espírito Santo: "Cremos no Espírito Santo, que é Senhor e que dá a vida; Ele procede do Pai". Com isto, a Igreja reconhece o Pai como a fonte e a origem de toda a divindade. Mas a origem eterna do Espírito Santo não deixa de estar vinculada com a do Filho. O Espírito Santo, que é a Terceira Pessoa da Trindade, é Deus, uno e igual ao Pai e ao Filho, da mesma substância e também da mesma natureza. E, portanto, com o Pai e o Filho recebe a mesma adoração e a mesma glória (cf. CaIC, 245).

Na leitura bíblica que ilumina o nosso encontro de hoje, vemos que após sua morte e ressurreição, Jesus envia o Espírito Santo aos apóstolos que estavam no Templo, provavelmente com medo e sem saber ao certo o que iria acontecer. É o Espírito Santo quem os impulsiona, a partir de agora, a continuar a missão de Jesus de anunciar o Reino de Deus em todos os lugares do

mundo. Portanto, é o Espírito Santo quem dá ânimo e impulso para saírem em missão e enfrentarem os medos e inseguranças. É o mesmo Espírito que continua a impulsionar a Igreja até hoje, até aqui e neste momento onde você está. As falhas e limites humanos não impedem a ação do Espírito Santo. E podemos perceber isso com clareza em nossa Igreja.

5) PARTILHA FRATERNA

- O que significa “crer no Espírito Santo”?
- O que aconteceu no dia de Pentecostes?
- O que faz o Espírito Santo na minha vida?

6) RITO FINAL

(p. 57)



61

1) OBJETIVO

Aprofundar o tema da Santíssima Trindade no sentido de que Ela é uma, pois não professamos três deuses, mas um só Deus em três Pessoas.

AMBIENTAÇÃO E RITO INICIAL

(p. 57)

2) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Mt 3, 13-17.

3) APROFUNDANDO O TEMA

“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé

e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. E, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na 'hierarquia das verdades da fé'. 'Toda a História da Salvação não é, senão, a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, revela-se, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado' ” (CalC, 234). Só Deus pode se dar a conhecer, e Ele revelou-se no Mistério da Salvação como Pai, Filho e Espírito Santo. O Mistério central

da Fé cristã é o de que há um só Deus, com a mesma natureza; único, mas em três pessoas distintas.

Deus revelou-se muitas vezes e de muitas formas ao povo do Antigo Testamento, porém nunca se apresentou como uma “Trindade”. Entretanto, a existência da Trindade já havia sido evidenciada desde o texto da narrativa da criação, assim como, ao longo da história do povo de Israel, em muitas outras passagens do Antigo Testamento. Na verdade, quem revela plenamente a Trindade é o próprio Jesus, em seus ensinamentos e ações. No

Novo Testamento a Trindade é perfeitamente identificada e pode ser facilmente formulada por inúmeras passagens. A existência do Espírito Santo e sua ação na obra da salvação é afirmada por Jesus quando ensina aos discípulos, *“Mas quando vier o Consolador, que vos hei de enviar da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, Ele dará testemunho de Mim”* (Jo 15,26). Ou ainda, *“Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender por agora. Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há de guiar-vos para a Verdade completa. Ele não falará por si próprio, mas há de dar-vos a conhecer quanto ouvir e anunciar-vos o que há de vir”* (Jo 16, 12-13). Também no Batismo de Jesus (Mt 3, 16-17).

“Antes de sua Páscoa, Jesus anuncia o envio de 'outro Paráclito' (Defensor), o Espírito Santo. Em ação desde a criação, depois de ter outrora 'falado pelos profetas' ele estará agora junto dos discípulos e neles, a fim de ensiná-los e conduzi-los 'à verdade inteira' (Jo 16,13). O Espírito Santo é assim revelado como outra pessoa divina em relação a Jesus e ao Pai” (CalC, 243). Os cristãos são batizados “em nome” do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e não “nos nomes” destes três, pois só existe um Deus, o Pai Todo-Poderoso, seu Filho Único e o Espírito Santo: a Santíssima Trindade (CalC, 233). A Santíssima Trindade é um Dogma, isto é, uma verdade de fé, como afirma o Catecismo da Igreja Católica: A Trindade é uma. São três pessoas, mas uma só natureza, e não três deuses. Cada uma das três pessoas faz parte da pessoa una e inteira de Deus, na substância, na essência e natureza divina (CalC, 253). Apesar de ser um só Deus, pessoa una, estas pessoas são distintas entre

si. Deus é único, mas não é solitário. “Aquele que é o Pai não é o Filho, e aquele que é o Filho não é o Pai, nem o Espírito Santo é aquele que é o Pai ou o Filho. São distintos entre si por suas relações de origem: ‘É o Pai que gera, o Filho que é gerado, o Espírito Santo que procede’” (CalC, 254). A Unidade divina é Trina e as três pessoas divinas são relativas umas às outras e entre estas pessoas não há oposição de relação. “Por causa desta unidade, o Pai está todo inteiro no Filho, todo inteiro no Espírito Santo; o Filho está todo inteiro no Pai, todo inteiro no Espírito Santo; o Espírito Santo, todo inteiro no Pai, todo inteiro no Filho” (CalC, 255). Assim, a vida íntima de um Deus Trino é a vida de pura inter-relação mútua de conhecimento e de amor.

“A origem eterna do Espírito revela-se em sua missão temporal. O Espírito Santo é enviado aos apóstolos e à Igreja tanto pelo Pai, em nome do Filho, como pelo Filho em pessoa, depois que este tiver voltado para junto do Pai. O envio da pessoa do Espírito, após a glorificação de Jesus, revela em plenitude o mistério da Santíssima Trindade” (CalC, 244).

Vimos que o Pai é revelado pelo Filho. Vimos, também, que o Pai e o Filho são revelados pelo Espírito: é a Trindade que se revela enquanto comunidade de amor.

Para além do fato de cremos em Deus, cremos em Deus que é Pai. E se Deus é Pai, logicamente, tem um Filho. Contudo, a fé da Igreja vai ainda mais além: cremos em um Deus que é Pai, que é Filho e que é Espírito Santo. Portanto, crer em Deus Pai implica em acolher a revelação de Deus Trindade. Assim, ao Pai atribui-se a criação; ao Filho atribui-se a Redenção e ao Espírito Santo atribui-se a Santificação.

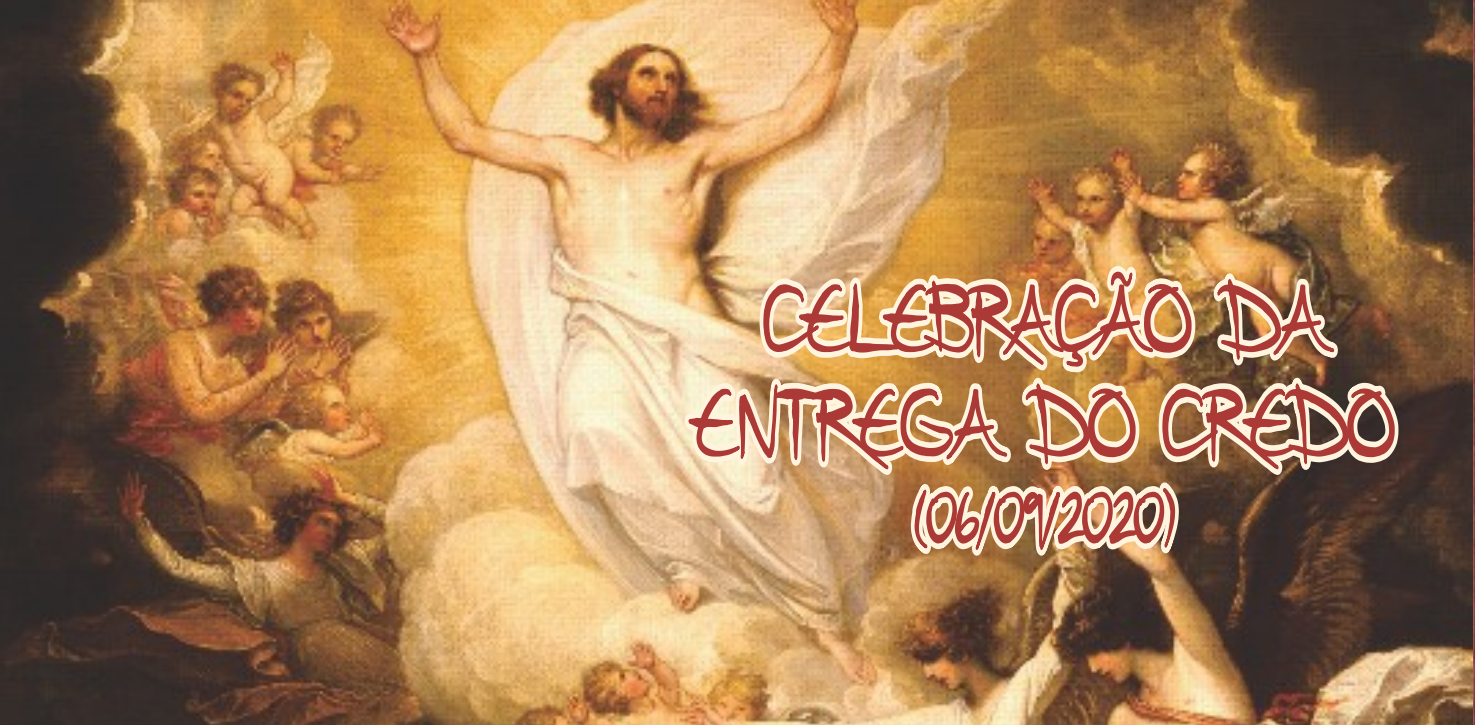
A comunhão com a Santíssima Trindade é a meta da fé e da vida cristã. E nós, cristãos, *“Pela graça do Batismo 'em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo' (Mt 28,19) somos chamados a compartilhar da vida da Santíssima Trindade, aqui na Terra, na obscuridade da fé, e para além da morte, na luz eterna”* (CalC, 265). E também convocados por este mesmo Cristo que nos diz: *“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”* (Mt 28,19-20).

5) PARTILHA FRATERNA

- As pessoas divinas são realmente distintas entre si?
- O Sinal da Cruz: qual o seu significado e quando devemos fazê-lo?

6) RITO FINAL (p. 57)





CELEBRAÇÃO DA ENTREGA DO CREDO (06/09/2020)

63

1. Assinalando o término ou uma etapa da formação dos catecúmenos, a Igreja confia-lhes com amor os documentos considerados, desde a antiguidade, como o compêndio de sua fé e de sua oração” (RICA, 181).

2. É oportuno fazer o Rito das entregas no final da programação catequética. Porém, na página 49 do RICA diz: “As entregas, que podem ser antecipadas em benefício do 'tempo do catecumenato' ou em razão da brevidade do tempo da purificação e iluminação, devem ser celebradas quando os catecúmenos derem sinais de maturidade. Em caso contrário, não se realizem” (RICA, 125).

3. Realiza-se em primeiro lugar a “entrega do Símbolo”, que os eleitos guardarão de memória e recitarão em público antes de professarem, no dia do Batismo, a fé que ele expressa (RICA, 183).

4. No decorrer do tempo do catecumenato, faça-se a entrega

do Símbolo. O momento oportuno poderia ser escolhido segundo a evolução da catequese, de forma que coincida com a instrução sobre as verdades fundamentais da fé cristã e o modo de vivê-las no dia a dia (RICA, 181).

5. As entregas são feitas, de forma solene, durante a missa dominical. Os catecúmenos são convidados a se aproximarem do altar, depois da homilia. Na oração dos fiéis, faça-se também uma prece especial pelos catecúmenos. Coloque em uma mesa, próximo ao altar, uma bandeja com os Símbolos. Estes podem ser preparados em forma de pergaminho (canudos).

6. Para preparar espiritualmente o rito, sugerimos que, antecipadamente, organize-se um encontro de oração. Medite, ore e cante de acordo com o texto de Marcos 6,45-51.

Entrega do Símbolo

Depois da homilia, o diácono ou um(a) Animador(a)-catequista diz:

Diác. ou Anim.: Aproximem-se os catecúmenos para receberem da Igreja o Símbolo da Fé.

O padre ou o(a) animador(a)-catequista entrega a cada catecúmeno o pergaminho contendo o Símbolo da Fé.

Quem preside dirige aos catecúmenos estas palavras ou outras semelhantes:

Pres.: Caríssimos catecúmenos, agora vocês escutarão as palavras de fé pela qual vocês serão salvos. São poucas, mas contêm grandes mistérios. Recebam e guardem essas palavras com pureza de coração.

Os catecúmenos abrem o pergaminho e, voltados para a assembleia, rezam o Símbolo Apostólico pausadamente. Quem preside começa o Símbolo, dizendo:

Pres.: Creio em um só Deus, e continua sozinho ou com a comunidade dos fiéis:

Todos: Pai todo-poderoso,

criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz da luz,

Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai.

Por ele todas as coisas foram feitas.

E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos

céus.

E se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado.

Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai.

E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos, e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado:

ele que falou pelos profetas.

Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica.

Professo um só batismo para a remissão dos pecados e espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir.

Amém.

ORAÇÃO SOBRE OS CATECÚMENOS

O diácono ou outro ministro convida os catecúmenos a se ajoelharem, dizendo:

Diác.: Prezados catecúmenos, ajoelhem-se para a oração sobre vocês.

Quem preside diz, com estas palavras ou outras semelhantes:

Pres.: Oremos pelos nossos catecúmenos:
Que o Senhor nosso Deus abra os seus corações e as portas da

misericórdia para que, vindo a receber nas águas do Batismo o perdão de todos os seus pecados, sejam incorporados no Cristo Jesus.

Todos rezam em silêncio.

Quem preside, com as mãos estendidas sobre os catecúmenos, diz:

Pres.: Senhor, fonte da luz e da verdade, imploramos vosso amor de Pai em favor destes vossos servos, (N. e N.):

purificai-os e santificai-os; dai-lhes verdadeira ciência, firme esperança e santa doutrina para que se tornem dignos da graça do Batismo. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém

A celebração prossegue como de costume.

Encontros elaborados por:

Equipe Diocesana de Catequese

Adaptação: Pe. Carlos Gomes - Cianorte



VOCAÇÃO QUE NASCE DA FAMÍLIA

Olá, com grande alegria me dirijo a vocês neste mês de agosto, no qual tradicionalmente a Igreja celebra e reza pelas vocações. Gostaria, neste artigo, de enfatizar a vocação familiar, pois é de onde nascem todas as vocações. E, por isso, podemos afirmar, com muita certeza, que vocação e família estão intimamente ligadas.

Famílias são constituídas de pessoas, criadas à imagem e semelhança de Deus, mas sujeitas a erros e quedas. Elas podem e devem, dentro de sua condição e situação, ser luz. Não para "brilhar", mas para iluminar as sombras, as lacunas de uma sociedade que muitas vezes distancia-se ou ignora a ética e os valores morais e cristãos, e aumentar a claridade onde a luz já é visível. Como diz o nosso querido Papa Francisco: "Família não é problema, é oportunidade". Oportunidade de viver com plenitude a graça de Deus.

Mas temos também muitas feridas em nossas famílias. Uma das feridas que mais machucam é a falta do diálogo, que acentua e potencializa um sentimento de distância dos membros da família, mesmo morando sob o mesmo teto. Estamos vivendo em um mundo globalizado, onde as distâncias entre as pessoas diminuem com o uso da tecnologia, mas essa mesma tecnologia acaba por nos distanciar das pessoas mais

próximas. Ela pode ser uma bênção ou uma maldição, dependendo do uso que dela se faz. Se por um lado há a rapidez de muitos processos de informação, formação e aprendizado, por outro há aqueles exageros que todos conhecemos quanto ao uso inadequado, tanto por parte de adultos, adolescentes e até crianças, gerando dependências e até doenças físicas e psíquicas.

Não se faz um padre ou religioso(a) em um ambiente de laboratório, controlado, livre de erros, mas em um ambiente familiar, com as dificuldades e desafios que isso comporta. E são essas dificuldades e desafios, principalmente a força que as famílias encontram ao superá-los, que constroem uma vocação forte e cheia de ânimo, ambiente propício para a ação do Espírito Santo.

Nesse tempo de pandemia, em que fomos privados de nossas celebrações com os fiéis, pudemos ver, mais ainda, a necessidade dos padres para a manutenção da fé de um povo. É um tempo difícil, porém podemos usá-lo para o fortalecimento da fé e da esperança em um Deus de amor que não se esquece do seu povo, pois não deixa de enviar operários para a messe. É preciso aproveitar esses momentos de oração em família para pedir ao Senhor que suscite nos corações dos jovens o desejo de servir a Deus por

meio da vocação sacerdotal e religiosa.

E que a nossa participação na Semana Nacional da Família possa envolver todos na busca da vivência, do testemunho do amor cristão na família, para que seja, de fato, uma luz para a vida em sociedade. Que não seja apenas um evento, mas que traga resultados concretos em nossas famílias. Para isso, será fundamental a participação de todos os organismos eclesiais, movimentos, pastorais, comunidades, etc.

Então, poderemos ver em nossas famílias o surgimento e o fortalecimento de todas as vocações, especialmente a vocação sacerdotal, que é geradora de vida na comunidade, geradora do próprio Cristo na Eucaristia e geradora de graças para todas as famílias. É por meio da oração que se constrói uma vocação.

Um fraternal abraço, com a bênção da Sagrada Família.

Diácono Adriano
Paróquia São José Operário,
Umuarama - PR



Mês Vocacional, tempo especial de reflexão e oração pelas vocações e ministérios

Inspirados pelo 4º Congresso Vocacional do Brasil, o mês vocacional deste ano, 2020, tem como tema: *Amados e chamados por Deus*, e o lema: *"És precioso a meus olhos... Eu te amo" (Is 43,4).*

Vocação vem da palavra "vocare" que significa chamado, por isso vocação é a resposta humana a um chamado divino. Costuma-se distinguir cinco grandes tipos de vocação. Uma não exclui a outra, muito pelo contrário, se supõem e se completam.

O primeiro dos chamados divino é a vocação à vida. Todos nós vivemos porque fomos chamados à existência. Ninguém vive porque decidiu viver. Alguém nos chamou para a vida (cf. Gn 1,27). Toda vocação corresponde a uma missão, por isso a vocação à vida exige de nós o compromisso de defendê-la e de promovê-la em toda a sua amplitude: saúde, educação, oportunidade de trabalho, lazer, espiritualidade, etc. O Papa Francisco nos diz: "Somos chamados à defesa e ao serviço da vida desde a concepção no ventre materno até a idade avançada, quando ela é marcada pela enfermidade e pelo sofrimento. Não é lícito destruir a vida, torná-la objeto de experimentações ou falsas concepções".

O segundo tipo é a vocação à santidade. São Paulo diz que a vontade de Deus é a nossa santificação (1Ts 4,3). "Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo" (Lv 19,2). Ser Santo é fazer em tudo a vontade de Deus Pai, é corresponder ao seu amor divino, é ficar longe de tudo o que é pecado, do que nos impede de viver na graça divina. A vocação à santidade sempre foi necessária. Para ser santo não é necessário que se faça algo extraordinário (cf. Mt 28,34-41). Basta viver com amor e fé as ocupações ordinárias de cada dia. A nossa santidade deve vir d'Ele e existir para Ele, precisa ser encarnada na história em que vivemos, assim como Jesus o fez.

O terceiro tipo é a vocação que nos leva a assumir um "estado de vida", ou seja, é por meio dela que se assume a vida laical (solteiro, casado, viúvo ou consagrado), ou a vida consagrada por intermédio dos Conselhos Evangélicos de pobreza, obediência e castidade (religiosas ou religiosos), ou a vida dos ministérios ordenados (diácono, padre, bispo). Esta vocação é de importância capital. Um desses três estados vocacionais (laical, consagrado, ordenado) nos foi dado no dia do nosso batismo, são caminhos de santidade e refletem a vontade do Criador.

O quarto tipo chama-se vocação profissional. O trabalho é uma das características do ser humano por meio do qual a pessoa realiza-se, aperfeiçoa a obra da



criação, colabora com o progresso social na sociedade na qual está inserida, e na Igreja contribui com a obra de Evangelização. Pelo trabalho, criamos novas realidades, refletimos a ação do Criador. No entanto, após o pecado original, o trabalho excessivo pode se tornar instrumento de dominação, exploração e destruição. Daí a importância de olharmos o trabalho como vocação e de escolhermos uma profissão que realmente nos realize, que nos santifique e nos faça pessoas felizes.

O quinto tipo vocacional é o que acontece dentro da comunidade eclesial. Assumir ministérios (serviços) na Igreja é também uma vocação. O exercício deles supõe o chamado divino e exige disponibilidade de quem se sente chamado. Se é graça o chamado, é graça também a resposta. Por isso, só se entende vocação em um clima de fé e oração. São Paulo aos Coríntios diz: "Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor (1Cor 12, 4-5). Os ministérios são diversos, porque diversas são as necessidades humanas e espirituais do Povo de Deus. Quando assumimos nossos dons, talentos e carismas na comunidade eclesial (Igreja), ajudamos a Cristo e a Igreja a salvar pessoas, que é a sua missão principal, por isso ela é chamada de "Igreja, comunidade de salvação" (cf. LG,1; GS, 40).

Pe. Othon Etienne

Pároco da Paróquia Santa Clara de Assis - Umuarama - PR
othonetienne2001@hotmail.com



TEMPO DE “REAVIVAR A CHAMA DO DOM DE DEUS”

Desde 1981, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua 19ª Assembleia Geral, instituiu agosto como Mês Vocacional, tendo por objetivo conscientizar toda a Igreja sobre a responsabilidade de valorizar e empenhar para que não falte operários à messe do Senhor (Mt 9,37-38). Portanto, há mais de três décadas, no Brasil, este mês tornou-se uma grande convocação eclesial, um tempo privilegiado para reavivar a chama (cf. 2Tm 1,6), aprofundar, rezar e celebrar a graça das vocações e ministérios. É o próprio Deus que em sua misericórdia nos chama. “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi” (Jo 15,16; 2Tm 1,9).

Tão significativa atitude da Igreja do Brasil veio corresponder ao desejo do Concílio Vaticano II (1962-1965) um grande evento eclesial, que suscitou na Igreja abundante preocupação com a questão das vocações, ao incrementar maior consciência vocacional em todo povo de Deus. E, além disso, buscou resgatar a própria comunidade eclesial como lugar da efetiva participação, favorecendo em toda a atividade pastoral o discernimento

vocacional. Neste sentido, despertou em cada cristão o desejo de descobrir o caminho concreto para realizar o projeto de vida ao qual Deus o chama.

Por conseguinte, em cada domingo do mês de agosto, a Igreja em sua liturgia busca celebrar as vocações. No primeiro, celebra-se a vocação para o ministério ordenado: diáconos, padres e bispos; no segundo, a vocação para a vida em família, junto à Semana da Família; no terceiro, a vocação para a vida consagrada: religiosos (as) e consagrados (as) seculares; no quarto, a vocação para os ministérios e serviços na comunidade; e no último domingo: Dia Nacional do Catequista.

Não obstante a valorização de cada vocação, neste tempo, queremos destacar a vocação da família. A família, pequena Igreja, que nos últimos meses pela proliferação do Coronavírus, que assolou toda família humana, sente-se vulnerável diante das impostas mudanças: sociais, econômicas, psicológicas e religiosas. Neste sentido, recordamos o que assegura o Concílio Vaticano II, na Constituição *Gaudium et Spes* (47), considerando a família como comunidade de amor, afir-

ma que, todo bem-estar da pessoa e da sociedade humana depende da sublime missão da família.

São João Paulo II, na Exortação Apostólica, sobre a função da família cristã no mundo de hoje (FC 51) recorda essa sublime vocação, descrevendo que Deus a chama para a vivência do amor. Pela vocação divina, recebida do Senhor (cf. Gn 2,24), a família é geradora de comunhão e responsabilidade. Desta forma, reconhece e acolhe livremente a vocação de seguir o caminho de Cristo.

O Papa Francisco também diz: Ao enfrentar os desafios que possam surgir, a família nunca estará só, com as suas próprias forças. A todo momento poderá invocar o Espírito Santo, que a consagrou, para que a graça recebida se manifeste sem cessar em cada nova situação (AL 74).

Concluindo, a vocação de todo o cristão é a de seguir Jesus Cristo (cf Mt 16,25) pertencer à família de Deus, “Aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,50). Como família, continuemos a rezar pelas vocações.

Ir. Dirce Gomes da Silva - ICP

Coordenação Diocesana
SAV/Pastoral Vocacional
Tapejara - PR

✉ pastoralvocacional@diocesedeuarama.org.br



Finitude da vida humana

**“E tu, Cafarnaum, serás elevada até o céu?
Serás jogada no inferno, isso sim!” (Mt 11, 23)**

A humanidade esqueceu que é humana. Levado por uma arrogância incontida, o homem presumiu chegar aos céus por seu próprio engenho, como em Babel. Aquele “sereis como deuses” fê-lo esquecer que tem os pés de barro. Inconformado com os limites que lhe impõe o existir humano, atribui-se dons divinos como a onisciência e a onipotência. Ignorando a realidade imanente da existência e a finitude desta vida, o homem pretende alcançar a transcendência do eterno, do infinito e da imortalidade.

Diante dessa situação, a Palavra de Jesus sobre Cafarnaum parece ser bem oportuna, ainda que em outro contexto. Ao invés de chegar aos céus, o homem se depara com uma situação infernal. Perdido no seu desvario, chama-o à razão um insuspeito vírus, que vindo do nada prostrou a humanidade, revelando-lhe toda a amplitude da sua vulnerabilidade e limitações. A sobrevivência da humanidade vê-se seriamente ameaçada, não por um poderoso arsenal bélico com que se armaram as grandes potências, mas por um invisível micro-organismo. As terríveis armas que podem destruir o planeta num instante são totalmente inócuas diante de um insignificante vírus. As somas astronômicas ocultas no tesouro e nos bancos das superpotências não conseguem, sequer, prevenir a grande ameaça e muito menos saná-la.

A história da humanidade é determinada pela fraqueza, e não pela força. A globalização das doenças, da fome, da precariedade sanitária, as agressões à natureza ameaçam muito mais do que as armas. Ou a humanidade encontra outro caminho, ou estamos condenados ao desastre universal. A proposta independente e isenta de ideologias dos cientistas e pensadores sensatos é o

caminho da solidariedade globalizada, o multilateralismo inclusivo. Essa visão muda radicalmente os paradigmas. O outro (pessoa ou país) não é mais visto como um competidor ou rival, e um novo conceito de alteridade convence que o meu destino está ligado ao do outro. Ninguém e nenhum país sobrevive sozinho, e a mundialização do progresso e do bem-estar é a solução do impasse em que se encontra a humanidade.

Esta sábia e sensata reflexão dos cientistas está de acordo com o rumo que nos aponta a Sagrada Escritura. A busca incessante da humanidade é a felicidade, nunca plenamente alcançada. Com muita objetividade e simplicidade, Cristo proclama as bem-aventuranças como o caminho da felicidade. Desde os primórdios da história o homem está à procura da paz, e esta, como uma miragem, sempre lhe escapa. Cristo está aí a anunciar: “Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Mas não a dou como o mundo a dá” (Jo 14, 27). Quando os chefes das nações deixarem de as oprimir e exercerem o mandato no espírito de Jesus, “Eu estou entre vós como quem serve” (Lc 22, 27), o mundo conhecerá a paz e as pessoas viverão a tão sonhada felicidade.

**Frei Justino Felix Stolf,
OFMCap**

Diretor do Centro de Estudos
São João XXIII
Umuarama - PR
✉ stolf.felix@yahoo.com





CONSTRUÇÃO FAMILIAR

As lentes que recebemos para ver a vida

Cada pessoa carrega dentro de si marcas de sua criação e resquícios de sua família. Em nossa vida, podemos tentar negar muitas coisas, menos a nossa hereditariedade. Há uma intrusão do outro em nós. Somos influenciados pelas pessoas, pelo ambiente e pelo meio em que vivemos. É nesse caminho que vai se formando nosso caráter, nossa personalidade e subjetividade. É como se fôssemos recebendo uma lente para olhar o mundo e as relações. A transmissão psíquica transgeracional, a forma de interpretar o mundo e as pessoas, vão fazendo parte da herança deixada por aqueles que nos criaram.

Metaforicamente, é como se nossa personalidade fosse um conjunto de "retalhos" costurados que recebemos daqueles que nos circundam, somado às experiências que vamos vivendo. Temos um pouquinho do pai, da mãe, do amigo da rua, da vovó, da professora, da escola, do ambiente de trabalho, dos acontecimentos e (des)encontros que a vida proporciona. São essas experiências que vão forjando o famoso: quem sou eu.

O sentimento de pertencer a uma família nos obriga a termos que nos moldar para

fazer parte de um conjunto de regras e valores. Precisamos nos arranjar e criar vínculos que alimentam essas relações. A família é uma construção que diariamente vai sendo lapidada e, muitas vezes, necessita de grandes reformas nas estruturas para que não desmorone.

Esse processo exige dos membros um grande esforço, doação, sofrimento, entrega e estar aberto à transformação. Realmente, para a formação do sujeito, desde o ventre materno até o fim de sua vida, é necessário que haja sustento e suporte emocional. Não há nada melhor do que termos pessoas que nos ajudem a conter nossas emoções e se colocam à disposição para fazer a travessia da vida conosco. Precisamos ter no outro a confiança de que podemos revelar a ele nossas fraquezas, sem que esse outro utilize isso contra nós em algum momento para nos atacar.

É na relação com a família/amigos/mundo que podem surgir muitos problemas e enfermidades, embora pode ser dentro dela e nas relações e dinâmicas estabelecidas que podem emergir as curas. Muitas das coisas que aconteceram contigo podem não ser sua culpa, mas há sim uma responsabilidade sua do que você vai querer fazer com aquilo que recebeu. Para nosso desenvolvimento – veja bem essa palavra: **DESENVOLVER**, sairmos do envolvimento – é necessário que revise-mos as lentes que recebemos e nos questionemos sobre aquilo que nos foi ensinado, de como fomos envolvidos e as "verdades" que nos foram passadas.

Há muitas pessoas repetindo histórias de seus pais, erros passados, feridas geracionais que vão se estendendo, pois acabaram reproduzindo automaticamente aquilo que lhe foi ensinado. Isso pode se desdobrar para inúmeras áreas da vida, seja em âmbito educacional, econômico, político, saúde... A mudança exige, de cada um de nós, esforço, coragem e humildade.

O esforço é para lutarmos

diariamente contra nossas más inclinações, buscando retificar aquilo que não queremos em nós. Coragem para não ficarmos olhando para o passado e culpabilizando a todos pela minha vida e minha situação. Exige que eu me olhe, me examine e assuma algumas responsabilidades das minhas escolhas. Não é porque nasci assim que precisarei chegar ao fim da vida da mesma forma. A arte de viver é que sempre podemos reescrever nossa história. Não podemos mudar nosso passado, mas podemos fazer coisas diferentes no presente para irmos modificando o futuro. Por último, a humildade para reconhecer que a mudança é um processo e é preciso ter paciência consigo mesmo. Também, a humildade se estabelece quando agradecemos por termos chegado até aqui. Poderia ter sido melhor? Talvez poderia, mas você chegou até aqui e deram para ti aquilo que conseguiram.

Nisso tudo, saímos da posição de vítimas e coitadinhos. Encaramos nossa vida e não ficamos achando que todo mundo nos deve alguma coisa. Não tenha dó de você. É curador saber que não existe família perfeita, que não existe ninguém perfeito. Aliás, nos machucamos porque esperamos um amor perfeito das pessoas. Precisamos tirar o véu e enxergar as coisas como elas realmente são. É só diante da realidade, mesmo dolorida, que podemos mudar algo. Podemos querer que o outro mude, mas isso não está no nosso controle. Se for para mudar alguma coisa, que comecemos por nós mesmos.

Lucas Botta Antonelli

Psicólogo Clínico
Especialista em Psicoterapia
Psicanalítica - CRP 08/21088
Cianorte - PR
✉ lucas.botta@hotmail.com



Laudato si'

ENCÍCLICA COMPLETA CINCO ANOS E MOTIVA INICIATIVAS

Em maio de 2015, o Papa Francisco lançou a encíclica *Laudato si'*, conclamando os cristãos e demais pessoas a refletirem e atuarem pela preservação do planeta, a Casa Comum, que abriga todos os seres viventes.

No item 224, a encíclica papal nos apresenta o seguinte texto: "A sobriedade e a humildade não gozaram de positiva consideração no século passado. Mas, quando se debilita de forma generalizada o exercício de alguma virtude na vida pessoal e social, isso acaba por provocar variados desequilíbrios, mesmo ambientais. Por isso, não basta falar apenas da integridade dos ecossistemas; é preciso ter a coragem de falar da integridade da vida humana, da necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores. O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente. Não é fácil desenvolver esta humildade sadia e uma sobriedade feliz, se nos

tornamos autônomos, se excluímos Deus da nossa vida, fazendo o nosso eu ocupar o Seu lugar, se pensamos ser a nossa subjetividade que determina o que é mal".

O grande mercado nem sempre pesa essa sobriedade e humildade, provocando desequilíbrios. Impõe a ideologia do consumo em excesso, da extração sem ponderar os danos ambientais, em que o dinheiro imediato é prêmio consolador e o alto lucro é sinônimo de competência, ainda que às custas da destruição da natureza e da perda de qualidade da vida humana e dos demais seres.

Dom Leonardo Steiner, arcebispo de Manaus-AM, destaca que "humanos são dotados de inteligência, fé, e por vezes [nós] cuidamos pouco da Casa Comum, diferente dos demais seres que não dependem de nós para sobreviver, em muitas situações, mais amáveis".

Pesados esses desafios, a partir da encíclica, vimos se multiplicarem iniciativas de consciência e resistência ao processo destruidor, possibilitando maior espaço de

construção e reconstrução do bem comum. Entre essas, pastorais e movimentos de adultos, jovens e crianças têm se engajado mais em campanhas pela reciclagem de materiais descartados, em limpezas e outros cuidados em rios e nascentes, na participação de fóruns de debates e decisões sobre o meio ambiente, na fiscalização e denúncias contra queimadas, além de apoios a equipes de defesa das espécies terrestres e aquáticas ameaçadas de extinção.

Trazendo a reflexão para nossa Diocese de Umuarama, não podemos nos esquecer do embate com o mosquito da dengue, que tem causado sofrimento a milhares de famílias e muitas mortes, além de grandes gastos no Sistema Único de Saúde (SUS), entre outros efeitos danosos. Ainda nessa mesma linha, o novo Coronavírus, por maior risco de letalidade, deve ser considerado em nossas preocupações ambientais. A Casa Comum pede socorro, em favor de cada um de nós.

Paulino Alves de Almeida

Comunidade São Miguel, Setor 12, Paróquia São Francisco de Assis. É um dos representantes da Mitra Diocesana no CMMA - Conselho Municipal de Meio Ambiente de Umuarama.
✉ paulinoalmeida@gmail.com

PASCOM x VOCAÇÕES

A cada domingo do mês de agosto a celebração litúrgica é dedicada a uma vocação específica, normalmente a própria liturgia da Palavra de cada dia, em especial a dos domingos, dá o tema principal da reflexão e meditação trazida para alimento do povo de Deus. É costume, neste mês, comemorarmos as diversas vocações a cada semana:

- Primeiro domingo: é o dia das vocações sacerdotais.
- Segundo domingo: por imitação do segundo domingo de maio – no qual é comemorado o dia das mães – temos o dia dos pais.
- Terceiro domingo: recorda-se a vocação à vida consagrada: religiosos, religiosas, consagradas e consagrados nos vários institutos e comunidades de vida apostólica e também nas novas comunidades.
- Quarto domingo: é nesta data que se comemora o dia do catequista, daí a comemoração do dia da vocação do cristão leigo na Igreja.

Ao participarmos dessas celebrações, não podemos nos esquecer da vocação primeira e mais importante de todas: a vocação à vida cristã. Todos somos vocacionados à santidade cristã, e fora desse caminho não temos como viver bem qualquer que seja a nossa vocação pessoal.

E neste contexto a Pascom é chamada a ser geradora de vocações. A Pastoral da comunicação – Pascom, pode ir além do serviço de gerar conteúdo e notícias sobre os acontecimentos da paróquia, e pensar em como podemos, por meio da PASCOM, gerar vocações para as demais pastorais.

Claro que em nossas paróquias existem várias pastorais, e não vamos conseguir auxiliar todas, mas podemos começar pelas que estão no Diretório

de Comunicação, Liturgia e Catequese. O primeiro passo é conhecer a história, a atuação e a missão da pastoral, e em unidade desenvolver um caminho de como gerar vocações, atraindo novos membros e trazendo um novo olhar sobre essas pastorais.

Desenvolva um plano pastoral com foco no servir a essas pastorais, e pelos meios de comunicação e ações conjuntas é possível sairmos de nossa zona de conforto e construirmos um caminho de integração e comunhão, para sermos instrumento de evangelização, de condução do Evangelho.

AS ATIVIDADES

Fotografia, um servir silencioso

O fotógrafo religioso, membro da Pascom, é um modelo de vocação a serviço da Igreja, da Pascom e demais pastorais.

Claro, uso aqui a atividade do fotógrafo, mas serve também para as demais ações da Pascom.

É preciso estar sempre em busca de aperfeiçoamento. Buscar se especializar com ajuda de pessoas conhecedoras da atividade.

Ler um bom livro é muito importante, porém não podemos deixar de lado a “gramática” visual. De nada adianta agentes de pastoral fazerem um bom trabalho se o fotógrafo não fizer sua tarefa de casa.

Não podemos nos esquecer de que nos impressos e nas mídias mais modernas, a fotografia tem um grande peso, portanto, temos o costume de fazer somente fotos dos membros das pastorais com suas respectivas camisetas para mostrar sua atuação na Igreja, mas fotografar aquilo que é de fato sua missão, indo além do óbvio.

É necessário que se façam fotos que, de fato, mostrem a essência daquela pastoral, fotos que falem por si

mesmas, que sejam amparo para que outros se interessem em participar, nisso os fotógrafos têm grande responsabilidade.

Unidade e Integração

Nosso objetivo, como animadores e líderes, é que por meio de uma comunicação eficaz da Boa-Nova, possamos refletir em nossos gestos e na nossa caminhada de fé o próprio Cristo. Não há dúvidas que a boa organização e o empenho de cada membro envolvido são determinantes neste processo evangelizador. Como comunicadores, devemos ter consciência de nossa missão de integrar e contribuir com as pastorais, e juntos construirmos uma vivência cheia de vida e bons frutos para a Igreja.



Aparecido Adão Romero
Coordenador Diocesano PASCOM
Umuarama - PR

Rádio Inconfidência

na Campanha
"Juntos na mesma frequência"

O Padre Carlos Alberto de Figueiredo, Diretor da Rádio Inconfidência, diz que o objetivo dessa Campanha é valorizar o comércio de Umuarama "incentivando as pessoas a darem preferência de compras para o comércio local e também motivar a todos a passar por este momento difícil. Além das rádios, ainda estão na Campanha a ACIU e a Agência Hertz Propaganda, todos em uma mesma frequência", conclui o Sacerdote.

Pela primeira vez na história, todas as Rádios de Umuarama estão unidas na mesma frequência. Aragão Filho, locutor da Rádio Inconfidência, disse no lançamento da campanha que, "existe uma onda de solidariedade muito bonita acontecendo em todo o mundo e em Umuarama não é diferente", afirma o locutor.

A Campanha também conta com o Programa "Juntos na mesma frequência", e é transmitido simultaneamente nas Rádios Aline, Bianca, Cultura, Chrystian, Inconfidência, Ilustrada, Ilha e RUP. Além do programa semanal, os ouvintes podem acompanhar, nos intervalos comerciais, várias mensagens sobre este período que todo o país está passando.

A locutora Taty, da Ilustrada FM, explica que se conectam semanalmente na mesma frequência com gente aqui de Umuarama, "para contar histórias que nos inspiram, solidarizam e ajudam a superar essa crise que a Covid-19 trouxe nos últimos dias", finaliza a locutora.

Milton Santos, da Rádio Chrystian, disse no lançamento da campanha que, "com a união de todos, nós vamos superar este momento, vamos dar a volta por cima e, com certeza, a vida vai vencer a morte, e nós vamos, sim, vencer o vírus", conclui.

O convite é para que a Diocese e toda a comunidade participe desse momento histórico em Umuarama, independente da emissora que gosta de ouvir. O importante é levar informação, valorizar, apoiar e contribuir com nossa cidade, nossa gente, nossos vizinhos e nossa família.

Érica Bolonhezi
Jornalista Diocesana e PASCOM



Coletiva de Imprensa marca 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais

Com número reduzido de profissionais da Imprensa de Umuarama, Bispo fez seu pronunciamento em comemoração à data.



A coletiva de imprensa aconteceu na Residência Episcopal. Compôs a mesa o Bispo Dom João Mamede Filho e o Padre Carlos Alberto de Figueiredo, Diretor da Rádio Inconfidência. Para que a coletiva acontecesse, foi permitida a entrada de no máximo duas pessoas por veículo de comunicação,

com máscara, mantendo sempre a distância de segurança e com toda a higienização necessária do ambiente.

Na ocasião, o Bispo falou sobre a mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado no dia 24 de maio, pela Igreja Católica. Para este ano, o Papa escolheu como tema uma passagem da Bíblia, "Para que possas contar e fixar na memória (Ex 10, 2). A vida faz-se história".

O Santo Padre dedicou a mensagem deste ano ao tema da narração. Segundo ele, "para não nos perdermos, precisamos respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, e não as que destroem. Histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força para prosseguirmos juntos. Na confusão das vozes e mensagens que nos rodeiam, temos necessidade duma narração humana, que nos fale de nós mesmos e da beleza que nós habita; uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura, conte a nossa participação num tecido vivo, revele o entrançado dos fios pelos quais estamos ligados uns aos outros", diz a mensagem.

Padre Carlos Alberto de Figueiredo afirma que o grande comunicador é Jesus, "Ele que comunica a verdade, a salvação. Ele comunica uma vida nova. Ele traz a palavra de Deus para nós. Comunicar é evangelizar, e olha a importância que nós temos, de fazer isso acontecer pelos novos meios. Temos muito que caminhar ainda, mas já estamos buscando fazer isso, temos muitos meios para levar a palavra de Deus, ide, evangelizai," conclui o Sacerdote.

O Bispo afirma que a proposta do Papa Francisco é que se traga à tona, faça emergir e circular o bom, que é a maior parte, que fez nascer e faz se perpetuar a nossa cidade, "O fez os nossos antepassados terem gosto de viver e fazer a vida chegar até nós. Isso é o que havemos de fazer emergir, essas narrativas, essas histórias," conclui Dom João.

Érica Bolonhezi - Jornalista Diocesana e PASCOM



Minicatequese!

Agosto Mês Vocacional



Leia atentamente o texto que segue e preencha corretamente o diagrama abaixo, substituindo o número pela palavra correspondente.

"Nós só podemos (05) a nossa vocação através de muita (02). Para isso é preciso estar muito atento aos sinais de Deus e (07) o seu chamado. A vocação deve ser (06) com (01), pois é Deus quem nos dá a (03) de (04) as pessoas e de servi-lo na construção de seu Reino."



01	V		N	T		D	
02	O		A				
03	C		P		C		D
04	A		A				
05	C ^g			P		E	E
06	A ^ã	B	S				A
07	O		V		R		



30 DE AGOSTO
FELIZ DIA DO
CATEQUISTA





A serviço da evangelização

PROGRAMAÇÃO



5h às 8h - Acorda Criança
Apresentação: Mauricio Ribeiro

7h às 7h30 - Santa Missa

8h às 10h - Bom dia Capital
Apresentação: Pedro Farias

10h às 11h - Experiência de Deus
Apresentação: Padre Reginaldo Manzotti

11h às 12h - Orelhão da Capital (Primeira Edição)
Apresentação: Claudemir Daniel

12h às 13h - Jornal da Capital
Apresentação: Pedro Farias

13h às 16h - Melhor da Tarde
Apresentação: Guilherme Augusto

15h às 16h - Consagração a N. S. Aparecida

16h às 17h - Orelhão da Capital (Segunda Edição)
Apresentação: Claudemir Daniel

17h às 19h - Bem Brasil
Apresentação: Wilson Silva Jr

18h às 18h10 - Hora do Angelus
Apresentação: Padres da Diocese

19h às 20h - A Voz do Brasil

20h às 23h - Boa Noite Capital 91

23h às 23h59 - Boa da Capital

0h às 5h - Mílicia da Imaculada e o Programa a Igreja no Rádio Via Sat.

SEGUNDA | TERÇA | QUARTA | QUINTA | SEXTA | SÁBADO

0h às 5h - Santa Missa
AO VIVO DO SANTUÁRIO EUCHARÍSTICO

9h30 às 13h - Domingo da 91
Apresentação: Claudemir Daniel

15h às 16h - Hora da Misericórdia
Apresentação: Vera Sartori

16h às 16h30 - Amor Exigente

18h - 18h10 - Hora do Angelus
Apresentação: Padres da Diocese

19h às 20h - Santa Missa
AO VIVO DO SANTUÁRIO EUCHARÍSTICO

23h às 23h59 - Boa da Capital

0h às 5h - Mílicia da Imaculada e o Programa a Igreja no Rádio Via Sat.

DOMINGO

#1

**a rádio mais ouvida
na internet**

**Impossível
parar de ouvir!**

www.capital91.com.br

(44) 99855-7007
(44) 3629-1317

Rua Florianópolis, 1813 - Zona 2 - Cianorte - PR



Rádio Inconfidência
A sintonia do bem



**Sintonize
frequência
99,7 FM**



PROGRAMAÇÃO:

SEGUNDA A SEXTA-FEIRA

5h às 6h30 - CORAÇÃO SERTANEJO - MARCELO SILVA
6h30 às 7h - SANTA MISSA - FREIS CAPUCHINHOS
7h às 8h - DIÁRIO DE NOTÍCIAS - ARAGÃO FILHO
8h às 10h - MANHÃ DA INCONFIDÊNCIA - PAULINHO VERONEZ
10h às 11h - EXPERIÊNCIA DE DEUS - PE. REGINALDO MANZOTTI
11h às 13h - ARAGÃO FILHO, O REPÓRTER - ARAGÃO FILHO
13h às 14h - MUSICAL DA INCONFIDÊNCIA
14h às 15h - CLUBE DOS AMIGOS - SANDRO LUIS
15h às 15h30 - TERÇO SANTAS CHAGAS - PE. REGINALDO MANZOTTI
15h30 às 17h - SERTANEJO DOS AMIGOS - SANDRO LUIS
17h às 18h - INCONFIDÊNCIA NEWS - PAULINHO VERONEZ
18h às 18h15 - AVE-MARIA - FREIS CAPUCHINHOS
18h15 às 19h - HORA DA GRAÇA - PE. MÁRIO SARTORI
20h às 22h - SHOW DA NOITE - NELSON DE CARVALHO
22h às 5h - COM A MÃE APARECIDA - RÁDIO APARECIDA

SÁBADO

5h às 6h30 - CORAÇÃO SERTANEJO - MARCELO SILVA
6h30 às 7h - SANTA MISSA - FREIS CAPUCHINHOS
8h às 9h - PALAVRINHA DE LUZ - PE. CARLOS ALBERTO
9h às 10h - SAGA DOS PIONEIROS - RAUL LOPES
11h às 12h - FÉ EM DEBATE - PE. REGINALDO MANZOTTI
12h às 13h - QUESTÃO DE FÉ - PE. REGINALDO MANZOTTI
13h às 14h - EM PAUTA - AERP GRAVADO
14h às 16h - HORA DA FAMÍLIA - ROBERTO TAMBURIM
16h às 18h - FORRÔ E FULERAGEM - FUTUCA
18h às 9h30 - COM A MÃE APARECIDA - RÁDIO APARECIDA

DOMINGO

9h30 às 10h40 - SANTA MISSA - FREIS CAPUCHINHOS
10h45 às 12h - ESTAÇÃO DO PAMPA - MÁRCIA TEÓFILO
12h às 13h - FLASHBACK DA SAUDADE - ÂNGELA MARIA
13h às 17h - BALADA SANTA - GRAVADO
17h às 5h - COM A MÃE APARECIDA - RÁDIO APARECIDA

44 98455-6091

44 3622-5117



DICAS PARA A RENOVAÇÃO ANUAL DE ASSINATURA DA REVISTA INFORMATIVO DIOCESANO

- Na secretaria da sua Paróquia, no seu grupo, comunidade e/ou movimento;
- Na Cúria Diocesana – via Correios: Fone/fax (44) 3622-1301; e-mail: pastoral@diocesedumarama.org.br;
- Assinatura on-line, setor de Comunicação – PASCOM, situado na Cúria Diocesana; e-mail: imprensa@diocesedumarama.org.br